Arte à Parte

16-Mar-2009

Cultura. SerÃ¡ que agora, no lÃ©xico do Partido Socialista, Cultura se define finalmente como sinÃ³nimo de marginalidade? A Cultura parece-nos estar Ã margem da sociedade e quem ainda a vive, ou sobrevive, fÃ¡-lo em condiÃ§Ãµes precÃ¡rias e decadentes.

Contributo de Francisca Santos e Mariana Tengner Barros, enviado para igualdade@bloco.org

Os artistas portugueses estÃ£o exilados. Alguns fora, outros dentro. â€œO que nÃ£o entretÃ©m, nÃ£o convÃ©m.â€• Estagnam Tantos anos assimâ€¦ Fugimos, exilados, procurando refÃºgios no estrangeiro onde muitos de nÃ³s se mantÃªm, por vezes sem nunca mais voltar. Os que voltam deparam-se com um paÃ-s recheado de pessoas incrivelmente talentosas e com muito para dizer, mas que se encontram desencantadas, impossibilitadas, condicionadas, censuradas por um sistema governamental construÃ-do Ã base de promessas nunca cumpridas, um sistema hipÃ³crita.

Somos duas bocas revoltadas, que, se por vezes nÃ£o tÃªm alimento, as enchem com palavreado que queremos que sirva para alguma coisa. Decidimos, desta feita, deixar aqui um comentÃ¡rio-alerta, um comentÃ¡rio-nÃ£o-querendo-ser-pretensioso, um comentÃ¡rio de luta, um comentÃ¡rio de â€œmexam-se por favorâ€•, um comentÃ¡rio de procura (onde andam vocÃªs todos?), um comentÃ¡rio que nÃ£o se quer somente um comentÃ¡rio, um comentÃ¡rio de â€œcome-otÃ¡rioâ€•, um comentÃ¡rio da nÃ£o-cegueira, apesar da epidemia Blindness estar instalada.

Antes de ser dirigido ao sistema polÃ-tico, Ã s instituiÃ§Ãµes, aos partidos, Ã s ONGs, Ã©, acima de tudo, para todos nÃ³s, para olharmos para estes corpos com um olhar analÃ-tico e crÃ-tico, longe de uma auto-observaÃ§Ã£o decadente, deprimida e com pena de si mesma. Queremos falar da cultura de uma arte, principalmente da DanÃ§a ContemporÃ¢nea, que Ã© o nosso mote de hoje e de sempre, enquanto novas criadoras e intÃ©rpretes que sabem que aÃ- vÃªm periodos difÃ-ceis, ainda mais quando todos os pequenos artistas se encontram isolados e sem meios nem condiÃ§Ãµes para actuarem. A situaÃ§Ã£o Ã© inaceitÃ¡vel. Contextualizando:

Foi nos finais dos anos 80, que uma sÃ©rie de artistas, tensionados pelo regime fascista e com a energia da revoluÃ§Ã£o, juntaram forÃ§as, e que entre Nova-Iorque, a Nouvelle Danse francesa e belga, deram origem Ã Nova DanÃ§a em Portugal. Uma lufada de ar fresco, reinvindicativa e de â€œmÃ£os-na-massaâ€•, apareceu e perdurece hÃ¡ mais de 20 anos, e apesar de todos os esforÃ§os, a situaÃ§Ã£o continua na mesma. Com amargura, olhamos hoje para um documento escrito hÃ¡ mais de 10 anos, intitulado â€œDEZ MAIS DEZâ€•, em parceria com o FÃ³rum DanÃ§a (associaÃ§Ã£o cultural que promove a formaÃ§Ã£o profissional e artÃ-stica, a investigaÃ§Ã£o, a ediÃ§Ã£o e a documentaÃ§Ã£o no Ã¢mbito da DanÃ§a ContemporÃ¢nea) e a RE.AL (estrutura ligada Ã DanÃ§a ContemporÃ¢nea dirigida pelo coreÃ³grafo JoÃ£o Fiadeiro), no qual se efectivizava uma nota importantÃ-ssima escrita por Ezequiel Santos, e que ainda hoje inadmissÃ-vel e indisciplinadamente se vive. Transcrevendo:

â€œ(â€¦)Portugal Ã© um paÃ-s prÃ©-moderno e provinciano. De outro modo, nÃ£o se compreende que o Estado nÃ£o tenha investido na danÃ§a Ã razÃ£o do que os seus agentes mereciam, devido ao seu crescimento artÃ-stico e aos reflexos da sua actividade. (...) os portugueses continuarÃ£o a fingir que sÃ£o europeus, que nÃ£o sÃ£o um povo conservador e a ter problemas simbÃ³licos com o seu corpoâ€•.

Depois de tanto investimento a nÃ-vel individual e colectivo, como Ã© possÃ-vel isto ainda ser uma verdade real? Os seus esforÃ§os terÃ£o sido em vÃ£o? Ou irÃ£o somente ficar na HistÃ³ria? O que ganhamos nÃ³s com isso? DeverÃ£o e/ou poderÃ£o eles usar do seu poder para nos ajudarem?

NÃ³s, enquanto artistas emergentes vemo-nos sozinhas neste emaranhado sem escapatÃ³ria. Como Ã© de todos sabido, o Estado nÃ£o investe neste sector, a cotaÃ§Ã£o orÃ§amental destinada Ã Cultura Ã© miserÃ¡vel, impedindo a promoÃ§Ã£o de uma dinÃ¢mica, de um circuito e de toda uma prÃ¡tica que possa existir, acabando-se por ficar numa espÃ©cie de masturbaÃ§Ã£o conjunta e numa prÃ¡tica que, de facto, comeÃ§a e acaba no mesmo sÃ-tio: seja este um estÃºdio, um quarto, uma sala, ou mesmo dentro de uma estrutura. A falta de visÃ£o e sensibilidade por parte do governo em relaÃ§Ã£o Ã danÃ§a Ã© incomensurÃ¡vel, a situaÃ§Ã£o a recibos verdes para os artistas intermitentes Ã© violatÃ³ria dos direi de qualquer artista:

Obrigam-nos a trabalhar a tarde e a mÃ¡s horas, em bares, cafÃ©s, tascas, mini-preÃ§os, restaurantes, que para alÃ©m de nos retirar o precioso tempo para o que realmente interessa, Ã©, sem outra adjectivaÃ§Ã£o, abusada e porcamente mal paga. This is not a performance, jÃ¡ lanÃ§a a dica certeira de Filipe Viegas, com este projecto que vem satirizar esta situaÃ§Ã£o, deixando ao descoberto a verdadeira realidade. Uma realidade que ainda nos obriga a estar dependente de subsÃ-dios e bolsas quase-inexistentes, de burocracia desmedida que nÃ£o corresponde aos seus benefÃ-cios. NÃ£o podemos tambÃ©m, deixar de apontar o facto de a maioria das Bolsas provirem de fundaÃ§Ãµes privadas e que privilegiam a formaÃ§Ã£o e investigaÃ§Ã£o no estrangeiro, porque â€œlÃ¡â€• Ã© que Ã© bomâ€¦ Sim, â€œlÃ¡â€• Ã© de facto melhor, ma nÃ£o investe o Estado em proporcionar as condiÃ§Ãµes mÃ-nimas (nem nos atrevemos a dizer perfeitas!) para que os artistas se possam desenvolver cÃ¡ dentro, desenvolvendo assim o paÃ-s!

No final de contas (e que contas!), temos obrigatoriamente de ser multifacetados, malabaristas, acrobatas, transdisciplinares de uma Ãºnica acÃ§Ã£o, que Ã© sempre complexa: sermos criadoras, programadoras, financiadoras de nÃ³s prÃ³prias, sermos o motor de tudo, enquanto existe tÃ£o pouco. Um motor, cujo â€œpÃ£o-nosso-de-cada-diaâ€• Ã© nÃ£o combustÃ-vel; um motor que Ã© obrigado a parar (o sinal vermelho aparece a cada esquina com um afincado nÃ£o!, um como?, quem Ã© vocÃª?, conheÃ§o-a?, de onde vem?,o que Ã© que jÃ¡ fez?, onde vai arranjar dinheiro para isso?); um motor que arrasta uma carcaÃ§a por vezes cansada, uma carcaÃ§a que se perde porque nÃ£o hÃ¡ mapas. Praticamente nÃ£o existem circuitos de apresentaÃ§Ã£o de trabalhos, que de forma efectiva possam abarcar a maioria das necessidades dos projectos, nem suficientes espaÃ§os de acolhimento para a criaÃ§Ã£o, experimentaÃ§Ã£o e reflexÃ£o artÃ-stica.

Caminha-se por estas ruas e espaÃ§os em degradaÃ§Ã£o encontram-se aos molhos (podiam ser recuperados e propostos para esta â€œgente sem terraâ€• mas mantÃªm-se no vazio); ou ainda os espaÃ§os que de tÃ£o â€œpriviligiado val recusam a abrir as portas (muito menos a das traseiras) aos jovens artistas, Ã s efervescentes iniciativas (que sem dÃºvida nÃ£o desaparecem nem com Ã¡gua, nem com paninhos quentes por favor) sendo somente percorridos pelos funcionÃ¡rios de limpeza e de seguranÃ§a que diariamente purificam os espaÃ§os para a boa aparÃªncia, para as â€œindividualidadesâ€• por lÃ¡ se pavonearem, ou, em Ãºltimo caso, deixados ao abandono para as amigas moscas. Enfim. De facto, nÃ£o existe uma polÃ-tica que promova o diÃ¡logo, entre o poder local, central, teatros, estabelecimentos de ensino, artistas individuais, bailarinos e coreÃ³grafos, e se ele existe, Ã© fechado, fechado nele prÃ³prio, fechado em espectÃ¡culos-fachada-entretenimento. Obviamente, nÃ£o queremos apelar ao seu aborto. Estes existem, hÃ£o de existir e fazem parte de todos nÃ³s, mas esta nossa arte estÃ¡ Ã parte, tambÃ©m pelas suas caracterÃ-sticas: uma arte do indizÃ-vel, que nÃ£o se contenta, que questiona, feita de pessoas que pretendem perceber o mundo, tensionÃ¡-lo, â€œmudar o centro de gravidadeâ€•, como bem o diz JoÃ£o Fiadeiro. Talvez seja para uma minoria, mas tambÃ©m sÃ³ pedimos o indispensÃ¡vel, pois o resto fazemos nÃ³s.

Resume-se a situaÃ§Ã£o nacional e o governo portuguÃªs a uma cÃ©lebre frase, que jÃ¡ quase se tornou num provÃ©rbio contemporÃ¢neo nacional: â€œFalam, falam, falam, falam, mas eu nÃ£o os vejo a fazer nada!â€•

AlguÃ©m tem que fazer, vamos!